

SEPARATA

O FEMININO NOS ARQUIVOS:
abordagens e problematizações



Design e paginação - Anabela Cabral ©

Imagem - Arquivo Teófilo Braga | BPARPD

Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada

2021

COLÓQUIO O FEMININO NOS ARQUIVOS

Ponta Delgada, 16 -18 de novembro de 2020

COMISSÃO CIENTÍFICA

Irene Vaquinhas (FLUC/CHSC)

Marta Lobo Araújo (Universidade do Minho/ Lab2PT)

Maria de Lurdes Rosa(IEM –Universidade Nova de Lisboa)

Sandra Leandro (Universidade de Évora; IHA, FCSH, UNL)

Susana Serpa Silva (CHAM Açores –NOVA de Lisboa / Universidade dos Açores)

Margarida Vaz do Rego (CHAM Açores –NOVA de Lisboa / Universidade dos Açores)

Margarida Sá Nogueira Lalandá (CHAM Açores –NOVA de Lisboa / Universidade dos Açores)

Rute Gregório (CHAM Açores –NOVA de Lisboa / Universidade dos Açores)

Isabel Soares de Albergaria (CHAM Açores –NOVA de Lisboa / Universidade dos Açores)

COMISSÃO ORGANIZADORA

Cristina Moscatel (CHAM-A; BPARPD)

Joana M. Couto (BPARPD)

Sónia Sousa Freitas (BPARPD)

COMUNICAÇÕES APRESENTADAS

Conferência de Abertura - *Pensar percursos femininos através dos arquivos das Misericórdias portuguesas da Idade Moderna*, Professora Doutora Marta Lobo Araújo (UMinho/Lab2PT);

Painel 1: *Escrita íntima: o diário da Condessa de Sabugosa e de Murça (1856-1952)*, Pedro Urbano (IHC-NOVA FCSH);

- *Correspondence in private and domestic archives in Italy. The case of the letters between Isabella de ‘ Medici and Paolo Giordano Orsini*, Gilda Nicolai (University of Tuscia);

- *A correspondência da primeira dama de Portugal que nunca chegou a exercer funções: Maria do Carmo Braga (1841-1911)*, Joana Couto (BPARPD, FCSH/UAc e CHAM-A/Uac);

Painel 2: *Agency femenina en los documentos de las instancias de justicia del mundo portugués durante los siglos XVI y XVII: una propuesta para la historia de las mujeres en el periodo moderno*, Mariana Meneses (FCSH-UNL);

- *O depósito de mulher casada: legislação e processos judiciais da comarca de Coimbra (séc XIX-XX)*, Rita Paiva Costa (Centro de História da Sociedade e da Cultura/UC);

- *Queixosas e arguidas - As mulheres nos processos crime dos arquivos judiciais das comarcas da ilha de S. Miguel, Açores (séc. XIX)*, Susana Serpa Silva (CHAM-FCSH/UNL-UAc);

Painel 3: *De Maria dos Prazeres à Maria de Jesus: as facetas da mulher e da freira reveladas no arquivo de família da Casa de Mateus*, Wilson Ricardo Mingorance (FCSH/UNL);

- *Las mujeres de la familia Ara en la documentación del siglo XVI en el norte de Tenerife*, José António González Marrero (Instituto de Estudios Medievales y Renacentistas (IEMYR-ULL);

- *Arquivos e práticas arquivísticas femininas. Portugal, séculos XV-XVI*, Alice Borges Gago (IEM – FCSH/UNL);

- *Arquivar o anarquívístico: o arquivo (do) feminino em duas perspetivas*, Gabriela Sá;

Painel 4: *Escrituras e escritoras: duas vertentes da presença feminina em documentação de arquivo do século XVII*, Margarida Sá Nogueira Lalandá (Universidade dos Açores; CHAM/UNL-UAc; CHAM-A/UAc);

- *Potencialidades das fontes notariais para o estudo das mulheres: o caso de Vila do Conde na segunda metade do século*

XVI, Amélia Polónia (DHEPI / FLUP, CITCEM / FLUP) e Maria João Oliveira Silva (CITCEM / FLUP);

Painel 5: *“Para que todos tenham vida”: um vislumbre do Arquivo do Instituto das Religiosas do Sagrado Coração da Maria em Portugal*, Anabela Costa e Maria Alice Lopes Santos (Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, Província Portuguesa);

- *História e memória de uma congregação religiosa feminina: o Arquivo Histórico da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima*, Rita Mendonça Leite (UCP-CEHR; CH-ULisboa) e Cátia Tuna (UCP-CEHR);

- *“O que se contém nestes breves capítulos, está justificado com papéis antigos, verdadeiros e autênticos tirados do nosso cartório [...]”: Os livros de fundação dos conventos, testemunho do “ofício” de religiosas cartorárias*, Fernanda Maria Guedes Campos (CHAM NOVA FCSH/UAç; UCP CEHR);

- *Os arquivos das casas religiosas femininas como “fonte” para a História das Mulheres: o tombo do Mosteiro de S. Dinis de Odivelas*, Giulia Rossi Vairo (IEM, NOVA/FCSH e CIEBA, FBAUL);

- *Os Arquivos Musicais dos conventos da ilha de S. Miguel: as freiras como intérpretes e copistas entre o final do século XVIII e a primeira metade do século XIX*, Isabel Albergaria Sousa (CESEM – NOVA/FCSH);

Painel 6: *The feminine presence in a music and drama festival of the Belle Époque: what archives reveal that is missing from public documentation*, David Cranmer (CESEM, NOVA-FCSH);

- *O Arquivo de uma Cantora e Divulgadora musical portuguesa: o caso de Ema Romero Santos Fonseca da Câmara Reis*, Alejandro Reyes Lucero (CESEM - NOVA/FCSH);

- *Repensar o corpo como arquivo da figura feminina na dança. Uma leitura a partir de Isadora Duncan*, Inês Zinho Pinheiro (Escola Superior de Dança do Instituto Politécnico de Lisboa);

Painel 7: *Sob o olhar da Micro-História: o papel da professora primária na história da saúde pública em Paredes de Coura, durante o Estado Novo*, Maria José Fonte Carranca;

- *Restaurando histórias de professoras, jornalistas e escritoras feministas do Rio Grande do Sul/Brasil (1889-1930)*, Clarisse Ismério (URCAMP/ PUCRS) e Edla Eggert (PUCRS);

- *Materiais pedagógicos e biográficos dos arquivos Histórico Militar e do Instituto de Odivelas*, Ana Costa Lopes (CCEP-CEP-Universidade Católica Portuguesa);

- *Evelina de Sousa: pedagoga e defensora dos direitos da mulher*, Isolina Medeiros (UAç);

Painel 8: *Representações da gravidez e do parto na imprensa feminina portuguesa: o caso da revista Modas & Bordados entre 1960 e 1977*, Dulce Morgado Neves (Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Centro de Investigação e Estudos de Sociologia);

- *O sufrágio feminino nos Açores- perspetivas da (e na) imprensa regional*, Bruna Travassos Valério (CHAM - NOVA/UAç);

- *As mulheres nacionalistas e as eleições presidenciais de 1949*, Sílvia Espírito Santo (Lab2PT - Laboratório de Paisagens, Património e Território/Universidade do Minho);

- *A presença feminina em dois arquivos quase inexplorados: os romances em português e espanhol publicados na França no século XIX*, Paulo Motta Oliveira (USP/CNPq);

Painel 9: *Beatriz Pinheiro, feminista, republicana, escritora. (Viseu, 1871-Lisboa, 1922)*, Anabela Silveira (IHC-FCSH/UNL).

- *Diário de guerra: Testemunho na trajetória da jornalista Yvonne Jean da Fonseca (1940)*, Beatriz Pereira da Silva (CFH/UFSC).

- *Uma Mulher Quinhentista em face do(s) Arquivo(s): D. Isabel de Bragança e a construção de uma biografia*, Andreia Fontenete Louro (CHAM / NOVA FCSH);

Painel 10: *La reconstrucción del trabajo femenino en el Sur de Tenerife a través de los contratos de aparcería de tomates de la Cámara Agraria de Adeje*, Mercedes Chinea-Oliva (ULL);

- *Mancebas. Toleradas. Meretrizes (nas franjas do esquecimento)*, Graça Alves (DRC – Madeira);

- *Os processos trabalhistas como fonte para a história das mulheres*, Marcela Heráclio Bezerra (Universidade de Coimbra – UC (Portugal)/ Instituto Federal de Pernambuco – IFPE (Brasil));

- *Mulheres fotógrafas amadoras no Portugal de oitocentos*. Marianna Relvas, phot. amateur, Susana Lourenço Marques (IHA/NOVA FCSH);

Conferência de Encerramento - *Arquivos do feminino e o feminino nos arquivos: fontes, questões, métodos (séculos XIX e XX)*, Professora Doutora Irene Vaquinhas (FLUC/CHSC).

VÍDEOS DAS COMUNICAÇÕES

Video de abertura:

<https://www.youtube.com/watch?v=KcGv6So-Ycg>

Conferência de abertura:

<https://www.youtube.com/watch?v=T-4EUL7UymA>

Painel 1 - Correspondência e Diários:

https://www.youtube.com/watch?v=_B3kYnTRxlg

Painel 2 - Justiça e Criminalidade:

<https://www.youtube.com/watch?v=hhXP5fi2DGk>

Painel 3 - Arquivos de Família e Arquivística:

<https://www.youtube.com/watch?v=VfPzImwBDFU>

Painel 4 - Fontes Notariais:

<https://www.youtube.com/watch?v=RI-Ic-WbGho>

Painel 5 - Instituições Religiosas:

https://www.youtube.com/watch?v=Xil_SOfAA6c

Painel 6 - Artes Performativas:

<https://www.youtube.com/watch?v=1fsdzAxlr8c>

Painel 7 - Educação e Professorado:

<https://www.youtube.com/watch?v=7gQm0ypk-A>

Painel 8 - Imprensa e Periódicos:

<https://www.youtube.com/watch?v=UKieRtCz4Qg>

Painel 9 - Personalidades:

<https://www.youtube.com/watch?v=2XeQDY609AM>

Painel 10 - Trabalho Feminino:

<https://www.youtube.com/watch?v=0OdUzoP8mIg>

Conferência de Encerramento:

<https://www.youtube.com/watch?v=f1GxWyBz8UM>



Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada

Título

O Feminino nos Arquivos: abordagens e problematizações

Edição

Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada | 2021

Coordenação Editorial

Cristina Moscatel, Sónia Sousa Freitas, Joana M. Couto

Design gráfico e paginação

Anabela Cabral

Impressão

Gráfica Açoriana.

Exemplares

550

ISBN

978-972-647-389-3

Depósito Legal

484115/21

O FEMININO NOS ARQUIVOS: abordagens e problematizações

SEPARATA

Parcerias do colóquio:



Edição:



Ponta Delgada
2021

La corrispondenza negli archivi privati e domestici in Italia. Il caso delle lettere tra Isabella de' Medici e Paolo Giordano Orsini

Gilda Nicolai¹

Sintesi: Durante il riordino dell'Archivio della famiglia Orsini (XII-XIX secolo) sono state ritrovate circa 500 lettere scambiate tra Paolo Giordano Orsini e la moglie Isabella de Medici. Queste lettere, scritte tra il 1556 e il 1576, anno della morte di Isabella, conducono all'interno di vicende che raccontano la politica di Firenze e dello Stato Pontificio nel tardo Rinascimento. Sono lettere private, ma di fondamentale importanza pubblica. Inoltre, dalla corrispondenza emerge l'ampia rete di rapporti che Isabella intratteneva con illustri personaggi e la sua non marginale funzione nella politica del Granducato di Toscana. La ricostruzione del contesto dato dallo studio di questa corrispondenza ha permesso di svelare e raccontare una storia diversa da quella finora conosciuta e di ribaltare una tradizione storiografica durata secoli.

Parola chiave: Carteggi; Isabella de Medici; Paolo Giordano Orsini

Premessa

A partire dagli anni Ottanta del Novecento in Italia gli studi sulla storia delle donne hanno conosciuto un'accelerazione: l'elaborazione della categoria del *genere* è entrata nella storiografia costituendo un punto di non ritorno in tutti i settori di ricerca. Tale approccio ha investito anche il mondo archivistico e ha imposto una attenzione più consapevole alla soggettività femminile e alle sue testimonianze documentarie. La collaborazione e la condivisione di risorse tra archiviste e storiche, hanno favorito il nascere di progetti di ampio respiro in alcune regioni italiane². Pur

¹ Università degli studi della Tuscia - Viterbo - Italia.

² Per la Toscana l'associazione Archivio per la memoria e la scrittura delle donne in Toscana fondata da Alessandra Contini e da Anna Scattigno, nonché le ricerche condotte da Gabriella Zarri; per la Campania le

nella diversità dei criteri e degli obiettivi, i vari progetti di ricerca posti in cantiere sono accomunati dall'esigenza di superare la fase degli studi tradizionali sulla condizione femminile e sono orientati verso il recupero della soggettività delle donne attraverso le sue manifestazioni attive, tra cui quella della scrittura. Che cosa le donne hanno scritto, quando e come lo hanno scritto, questi gli interrogativi fondamentali che costituiscono l'asse portante di molti gruppi di lavoro, che hanno perciò indirizzato le loro ricerche sulle modalità di produzione e trasmissione della scrittura da parte delle donne.

Quando si parla però di archivi femminili, va tenuto presente che, essendo stata negata per secoli alla donna la possibilità di espressione e di ascolto, vanno inclusi non solo fondi organici, ma anche e soprattutto, almeno fino all'inizio del Novecento, nuclei documentari che, annidati all'interno di complessi più ampi, sono di rado registrati all'interno di un inventario. Il monopolio maschile della scrittura non si è esercitato solo nella tendenza a soffocare qualsiasi alterità, ma anche nelle modalità di conservazione e inventariazione che hanno governato la prassi archivistica e che hanno portato a una vera e propria rimozione del soggetto femminile³.

L'accesso alla scrittura, oltre che implicare una riconsiderazione dei ruoli e dei rapporti sociali, ha richiesto alle donne la conquista di una diversa consapevolezza di sé e una più avvertita percezione del tempo e dello spazio. Constatiamo che non solo è stato maschile il monopolio della scrittura, ma anche e soprattutto quello della sua conservazione e trasmissione, per cui la scarsa visibilità della scrittura femminile nelle fonti è dovuta non solo a cause oggettive – le donne hanno scritto in forme marginali perché non sapevano e non potevano farlo – ma è anche l'effetto di un ascolto non registrato⁴. I vari lavori di scandaglio condotti in questi anni presso gli archivi pubblici e privati hanno messo in luce come molta parte delle testimonianze scritte femminili sia andata dispersa sia per fattori di casualità (ogni archivio è ciò che resta di un naufragio) sia per precise strategie conservative (le scritture personali in passato venivano spesso eliminate dagli archivi di famiglia). Le scritture

femminili che sono sopravvissute, invece, sono di solito sommerse, celate in nuclei di documentazione maschile e la loro individuazione è resa ancor più ardua dalle modalità di inventariazione che hanno governato e ancora governano la pratica archivistica. Ci troviamo infatti in presenza di repertori, indici, guide che sono muti riguardo alla presenza femminile e le stesse banche dati informatizzate che si vengono a realizzare, pur nella loro complessa articolazione, spesso non danno conto del *genere*.

La lettera è stata il mezzo espressivo privilegiato dalle donne del passato⁵, essendo la modalità che più si addiceva al ritmo delle giornate, divise tra la cura dei familiari e la propria sfera interiore. Per quanto riguarda il Cinquecento ed il Seicento le donne scrivono in genere di questioni pratiche, familiari, patrimoniali e i loro interlocutori sono soprattutto maschili: mariti, figli, tutori. Emergono in queste scritture quelle reti di strategie femminili che ruotano intorno alla conduzione domestica, alle politiche matrimoniali, alle carriere dei maschi della famiglia. Fin dal XVI secolo scrivere lettere rientrava nei costumi della donna appartenente alle famiglie nobili. La corrispondenza, da comunicazione sentimentale in *absentia* o per fini principalmente pratici, diventò poi un elemento di conversazione scritta⁶.

La corrispondenza tra Isabella de' Medici e Paolo Giordano Orsini conservata nell'archivio della famiglia Orsini

Nei primi del XX secolo il comune di Roma avviò una politica di acquisizione di fondi archivistici delle maggiori famiglie gentilizie romane. Nel 1905 venne acquistato il più antico e importante complesso documentario, quello della famiglia Orsini⁷, stirpe di condottieri la cui storia si svolse tra l'Alto Medioevo e l'età contemporanea.

Gli Orsini dettennero per secoli il controllo di un'enorme fascia di territorio italiano che andava dal mar Tirreno fino alle coste dell'Adriatico, dalla contea di

iniziative prese dalla Fondazione Valerio, creata e guidata da Adriana Valerio; per la Lombardia le ricerche portate avanti da Elena Brambilla, Maria Luisa Betri, Daniela Maldini Chiarito, Luisa Dodi; per l'Italia centrale l'indagine compiuta da M. Grazia Nico Ottaviani in *"me son missa a scriver questa lettera..."*. *Lettere e altre scritture femminili tra Umbria, Toscana e Marche nei secoli XV-XVI*, Napoli, 2006; per l'età medievale va ricordata la ricerca condotta da Luisa Miglio e visibile in rete nella sezione "Womendiev" del sito dell'Università di Cassino; l'Osservatorio sulla storia e la scrittura delle donne a Roma e nel Lazio, diretto da Manola Ida Venzo dell'Archivio di Stato di Roma e Marina Caffiero dell'Università "La Sapienza" di Roma.

³ Sul tema si può vedere *Memorie disperse. Percorsi e progetti di recupero e valorizzazione degli archivi femminili. Atti del convegno, Jesi 18 marzo 2010 – Ancona, 19 marzo 2010*, a cura di M. PALMA e M. TOSTI CROCE, Edizione della Biblioteca Planettiana, 2012.

⁴ Cfr. M. ZANCAN, *Il doppio itinerario della scrittura. La donna nella tradizione letteraria italiana*. Torino, Einaudi, 1998.

⁵ Sulle problematiche e pratiche della corrispondenza epistolare in Italia si vedano: *Le carte messaggere: retorica e modelli di comunicazione epistolare*, a cura di A. QUONDAM, Roma, Bulzoni, 1981; *La metodologia ectodica dei carteggi. Atti del Convegno internazionale di Studi, Roma, 23-25 ottobre 1989*, a cura di E. D'AURIA, Firenze, Le Monnier, 1989; *Alla lettera. Teorie e pratiche epistolari dai Greci al Novecento*, a cura di A. CHEMELLO, Milano, Guerini, 1998; *Per lettera. La scrittura epistolare femminile tra archivio e tipografia (secoli XV-XVII)*, a cura di G. Zarri, Roma, Viella, 1999; M.L. DOGLIO, *L'arte delle lettere: idea e pratica della scrittura epistolare tra Quattro e Seicento*, Bologna, Il Mulino, 2000; *Scrivere lettere: tipologie epistolari nell'Ottocento italiano*, a cura di G. TELLINI, Roma, Bulzoni, 2002.

⁶ G. ZARRI, *Per lettera, La corrispondenza epistolare femminile tra Archivio e Tipografia*, Roma, Viella, p. XIV.

⁷ Sulle vicende dell'archivio si veda: A. MAZZON, *Il fondo diplomatico e la sezione degli Statuti dell'Archivio Orsini presso l'Archivio Storico Capitolino*, in "Archivio della Società romana di storia Patria", vol. 128 (2005), pp. 35-64.

Pitigliano, fino al nord di Roma, lungo le grandi vie consolari, la Cassia, la Flaminia e l'antica via Clodia nei dintorni del Lago Sabatino (oggi di Bracciano) e quindi nel Viterbese con Mugnano, Soriano e Bomarzo e poi verso la Sabina e l'Abruzzo, lungo la via Salaria, con l'imponente fortezza di Vicovaro. Quindi con i feudi di Monterotondo, lo stato di Montelibretti, gli antichi possedimenti di Tagliacozzo e Alba Fucense, Pacentro e lungo la via Valeria si allungava verso la Puglia, fino a Gravina, Taranto, Canosa, Rocca Sant'Agata e Deliceto e poi in Campania con Nola, Salerno, Amalfi.

Questo prezioso archivio familiare è oggi conservato nella sua gran parte, quella più voluminosa all'interno dell'Archivio Storico Capitolino di Roma.

L'archivio Orsini, costituito nel 1560 per precisa volontà di Paolo Giordano Orsini, si trova oggi suddiviso in tre Serie, già individuate nel lavoro di riordino del 1908, alle quali sono state aggiunte due ulteriori Serie riguardanti quella parte di documentazione acquisita successivamente dal Comune di Roma, nel 1966 e nel 1986.

La consistenza attuale dell'Archivio è di 4653 tra registri, buste e faldoni e di circa 2462 pergamene e risulta suddiviso in cinque grandi Serie complessive⁸.

Si riporta di seguito la struttura attuale dell'archivio dopo il recente riordino:

- I SERIE: Archivio Segreto e Domestico. Dovrebbe contenere esclusivamente atti di archivio privato, tra i quali la Corrispondenza, oggetto della presente ricerca. Vi sono depositate anche le 2462 Pergamene che vanno dal XI al XIX secolo.
- II SERIE: Amministrazione. Avrebbe dovuto contenere gli atti relativi all'amministrazione dei feudi ed i registri dei conti della computisteria.
- III SERIE: Giustificazioni. All'interno della Terza Serie riguardante le giustificazioni delle spese sostenute, oggi le definiremmo "note spese".
- IV SERIE: Gravina. Questa Serie contiene quasi esclusivamente atti d'archivio provenienti dal ramo degli Orsini di Gravina. Si tratta di quella parte di documentazione che venne acquistata dal Comune di Roma nel 1966. La parte principale era stata già esportata e successivamente acquistata dall'Università di Los Angeles nel 1963. Attualmente la schedatura di questa documentazione è consultabile on-line⁹ nel sito della Charles E. Young Research Library dell'Università di Los Angeles, con le

⁸ E. MORI, *L'Archivio Orsini - La famiglia, la storia, l'inventario*, Collana editoriale "Carte Scoperte" dell'Archivio Storico Capitolino, Roma 2016, p. 9.

⁹ Fonte: www.oac.cdlib.org/findaid/ark:/13030/kt0n39q6hv/dsc/#dsc-1.2.8 - Online Archives of California, Library Special Collections, Charles E. Young Research Library.

immagini degli atti ritenuti storicamente più rilevanti.¹⁰

- V SERIE: Carte Varo. Questa Serie di documenti è composta quasi per intero dalle carte acquistate dall'Archivio Storico Capitolino nel 1986. L'elemento che le unisce all'archivio Orsini sembrerebbe il matrimonio di Maria Varo con il principe Domenico Napoleone di Gravina nel 1891.

L'archivio Orsini conserva, in forma autografa, 402 lettere di Paolo a Isabella e 177 lettere di Isabella a Paolo che si sono scambiati nel corso di vent'anni, dal 1556 fino alla morte di lei nel 1576. La maggior parte delle lettere si trova in cinque degli oltre ottocento volumi di corrispondenza dell'archivio.

Isabella Romola nacque a Firenze nel 1542, terzogenita di Cosimo I de' Medici duca di Firenze e di Eleonora da Toledo, bellissima nobildonna di origine spagnola figlia del viceré di Napoli.



Ritratto di Isabella de' Medici", opera attribuita ad Alessandro Allori, XVI secolo

¹⁰ Fonte: <http://digital2.library.ucla.edu/viewItem.do?ark=21198/zz000945wq> | U.C.L.A. Library, Digital Collections, Orsini Family Papers, Ca. 1150-1950 (Bulk 1500-1900).

Nata e vissuta nella Firenze della seconda metà del XVI secolo, Isabella visse gli anni della gioventù in questa piccola corte piena di ragazzi, ma avulsa dai lussi e dalle frivolezze che richiedevano i tempi. Il padre Cosimo (1519 – 1574), figlio del Capitano di ventura Giovanni dalla Bande Nere e di Maria Salviati, era stato posto al potere a Firenze con l'appoggio imperiale nel 1532, dopo la breve parentesi repubblicana successiva alla cacciata dei Medici nel 1494. Piero de' Medici (1472-1503) discendente da Cosimo il Vecchio era stato infatti cacciato per aver lasciato libero accesso in città al poderoso esercito di Carlo VIII, re di Francia, che discendeva la Penisola per rivendicare la corona del regno di Napoli. Cosimo apparteneva al ramo cadetto dei Medici, il padre era pronipote di Lorenzo il Vecchio fratello del ben più noto Cosimo il Vecchio, ma in un certo senso era anche discendente da questi, infatti la madre Maria Salviati era figlia di Lucrezia, a sua volta figlia di Lorenzo il Magnifico (figlio di Cosimo il Vecchio) e di Clarice degli Orsini di Monterotondo (i matrimoni tra cugini erano molto frequenti all'epoca, anche per ragioni di conservazione del patrimonio familiare)¹¹. Nel 1553 ad appena 11 anni, Isabella venne data in sposa, attraverso un contratto matrimoniale (che in precedenza era stato sottoposto all'approvazione dell'imperatore Carlo V), ad uno dei membri più importanti di una grande famiglia romana, un esponente di spicco dell'estesissimo clan familiare degli Orsini. Si trattava dell'appena dodicenne Paolo Giordano (1541 – 1585), figlio postumo di Girolamo Orsini e di Francesca Sforza di Santa Fiora (nipote del papa Paolo III Farnese).



Anonimo, Ritratto di Paolo Giordano Orsini, 1560, olio su tela, Castello Odiscalchi, Bracciano

Il padre, vittima di un agguato notturno, era morto pochi mesi prima della sua nascita ed il fanciullo rimasto anche orfano di madre ad appena otto anni venne allevato dal severo zio, il cardinale Guido Ascanio Sforza di Santa Fiora, camerlengo dello Stato Pontificio che era stato nominato dal papa suo tutore. Lo zio cardinale sottoscrisse il contratto di matrimonio per il giovane nipote. La nuova unione matrimoniale con questa grande famiglia che, pur avendo perso gran parte dell'antico potere feudale conservava comunque una grande importanza politica e godeva soprattutto di grande considerazione tra la popolazione romana e presso la corte papale, fu ritenuta da Cosimo altamente conveniente politicamente, in un periodo oscurato da venti di guerra contro la repubblica di Siena. In ogni caso dopo la sottoscrizione del contratto di matrimonio Paolo Giordano venne inviato dallo zio Cardinale a Firenze dove visse presso la famiglia Medici fino al 1556, quando venne richiamato a Roma dal papa Paolo IV Carafa sotto la minaccia, in caso di ribellione, del sequestro dei suoi feudi nello stato della Chiesa. Da questo periodo iniziano le lettere inviate da Paolo Giordano ad Isabella. Questo matrimonio era stato chiaramente concordato per convenienza politica, come avveniva spesso tra i potenti dell'epoca, ma quello che le due famiglie non potevano prevedere fu che i due ragazzi si amassero davvero. A discapito dell'immagine creata ad arte su di loro per calunnia o per interesse (ed anche a causa della scarsa propensione di molti autori ad accertare i fatti su base documentale), questo amore sopravvisse a venti anni di matrimonio, spesso vissuti lontani, lei a Firenze e lui a Roma. I due coniugi si amarono profondamente fino alla morte prematura di Isabella, nel 1576.

Ci rende testimonianza di ciò il contenuto della loro copiosa corrispondenza giunta fino a noi. Le centinaia di lettere che i due si scambiarono sono oggi conservate all'interno della Prima Serie, Archivio Segreto e Domestico, sotto-serie Corrispondenza.

Nella sua infanzia Isabella viene descritta dai suoi contemporanei come una bambina intelligente e vivace che si divertiva nel cantare e suonare, che sapeva anche leggere i libri e le piaceva riportare su di un foglio i suoi pensieri e le sue emozioni¹². Successivamente, negli anni della sua maturità la ritroviamo al centro di un movimento che voleva valorizzare il ruolo della donna, la sua autonomia all'interno della famiglia, nel governo della casa e nell'educazione dei figli. Isabella amava sentirsi libera e lottò per tutta la vita per dimostrare come anche le donne potessero utilizzare e godere dei frutti dell'intelligenza. Usava dire nei suoi scritti

¹¹ E. MORI, *L'Archivio Orsini, Gli Orsini di Bracciano nel Quattrocento*, Viella Editore, Roma 2016, p. 40.

¹² E. MORI, *L'onore perduto di Isabella de' Medici*, Lavis (TN), Garzanti Editore, 2016, p. 53

scritti che voleva sentirsi donna e non “donnicciola”¹³. Ambienti a lei contemporanei, anche non fiorentini¹⁴, la descrivono come l’incarnazione dell’onore femminile e dell’ideale cortese della donna che poteva far da tramite tra l’uomo e Dio. Ma Isabella si sforzava di rappresentare un modello di donna moderna, “autorevole” e quasi sovrana. D’altronde lo fu ufficiosamente per lungo tempo, dopo la morte prematura della madre fu infatti l’unica rappresentante femminile della corte medicea. Anche per questo motivo il padre non volle mai separarsene, visto che l’altra figlia, Lucrezia, era morta a Ferrara dopo appena un anno di matrimonio con il duca Alfonso d’Este.

Nonostante la presenza dei tanto attesi figli, la morte del padre Cosimo I in-fluì decisamente sulle già precarie condizioni di salute di Isabella e finì per dare il colpo definitivo alle condizioni economiche del marito. Il fratello e Granduca Francesco I rifiutò infatti di liquidarle quanto le era stato promesso in vita dal padre e lei decise di trasferirsi definitivamente a Roma presso il marito, considerando esaurito il suo soggiorno a Firenze. Iniziarono i preparativi per rendere accogliente lo storico palazzo di Monte Giordano a Roma dove avrebbero dovuto risiedere la duchessa ed i bambini. Ma le condizioni di salute di Isabella erano oramai così compromesse che glielo impedirono. Praticamente non poteva più reggersi in piedi e non era in grado di viaggiare. Il proposito di trasferirsi a Roma deve essere stato definitivamente abbandonato. Così il marito la raggiunse con il suo seguito a Firenze per rimanervi a lungo e durante il loro soggiorno nella villa di Cerreto Guidi la malattia di Isabella peggiorò. Si tentò di tornare a Firenze, ma durante il viaggio morì nei pressi di Empoli il 16 luglio del 1576. La corrispondenza di Isabella ci restituisce l’immagine di una donna di grande carattere, ironica, di grandi sentimenti e lontana dalle simulazioni e dagli intrighi. In una sua lettera scriveva al marito: “Io non desidero cosa più che vederlo e servirlo e questo *tengalo* per certo, e se non *fusse* così non lo direi, perché sono donna libera, del resto pigli ognuno la cosa come gli piace, perché me ne curo *pocho* ...”¹⁵. Probabilmente neanche questa sua pretesa autonomia le fu perdonata dai suoi detrattori sia che si trattasse dei nemici giurati dei Medici che provenissero dall’ambiente repressivo della Controriforma. Dopo la sua morte avvenuta nel 1576, Isabella venne infatti descritta dalle voci infamanti che volevano colpire ad ogni

costo la casata Medici ed il marito Paolo Giordano¹⁶, come una donna frivola, di facili costumi, sottoposta alle più nefande vicende familiari, alle quali per la sua eccessiva emotività non seppe mai sottrarsi. In questa valanga di calunnie furono accomunate tutte le morti precoci delle esponenti femminili della famiglia che sarebbero state tutte, incredibilmente, uccise per infedeltà dai rispettivi mariti¹⁷. Questa versione venne adottata quindi anche per la morte di Isabella, che viene definita traditrice, fedifraga, adultera e che per questi suoi comportamenti illeciti sarebbe stata uccisa dal marito, il duca Paolo Giordano Orsini di comune accordo con il fratello di lei, il granduca Francesco ed avvalorata per anni con un corposo seguito di opere letterarie e teatrali¹⁸. Le lettere invece restituiscono una donna e le sue battute ironiche al marito, la sua voglia di vivere, ma anche il dolore per la separazione e la lontananza forzata.

Grazie al ritrovamento della corrispondenza presente nell’Archivio Orsini, è possibile oggi indagare le personalità dei protagonisti e provare finalmente a ricostruire una verità storica che appare distorta ad arte, per secoli.

Le lettere mettono in luce, anche, le gravi condizioni di salute della duchessa che morì ad appena 32 anni. Isabella soffriva da anni di idropisia una malattia dolorosissima che consisteva nell’accumulo di liquidi nelle cavità corporee, nel 1574 aveva contratto il vaiolo e dal mese di marzo del 1576 iniziò a soffrire di febbre terzana da cui non sarebbe mai guarita.

Già dal 1575 non era più in grado di reggersi in piedi e quindi di viaggiare, tanto che Paolo Giordano dovette convocare la sorella Maria Felice Orsini Colonna per fare gli onori di casa agli illustri ospiti in occasione dei festeggiamenti nei castelli

¹⁶ Paolo Giordano Orsini e Isabella de’ Medici sono stati coinvolti nell’ondata di calunnie che ha travolto la famiglia medicea, cfr. G. E. SALTINI, *Tragedie medicee domestiche (1557-1587)*, Barbera, Firenze 1898. Mentre la storiografia tra Ottocento e Novecento ha verificato e smontato gran parte delle accuse diffamatorie su Cosimo de’ Medici e i suoi figli, Isabella viene ancora dipinta come priva di freni morali e dedita a «illecite passioni», giustificata solo dalla scarsa considerazione che il marito avrebbe avuto per lei. Cfr. F. WINSPEARE, *Isabella Orsini e la corte medicea del suo tempo*, Olschki, Firenze 1961.

¹⁷ La pessima immagine di Isabella e del marito, ma anche di tutta la famiglia di Cosimo I, è stata costruita e diffusa dalle cronache antimedicee, libelli calunniosi opera di fuoriusciti fiorentini, carteggi diplomatici di potenze ostili al pontefice e al Granducato, tutte fonti di evidente matrice politica. Tra le numerose relazioni manoscritte sul presunto omicidio di Isabella si segnalano: *Tragica fine della s.ra Eleonora di Toledo moglie di Cosimo primo de’ Medici e d’Isabella figlia d’ambidue e moglie del sig. Paolo Giordano Orsini e di molti altri cavalieri seguita gli 11 luglio 1576* (Firenze, Biblioteca Riccardiana, Mss., 2098); *Casi tragici occorsi per lo più in vari tempi nella città di Firenze* (Arch. di Stato di Firenze, Mss., 165); *Memorie fiorentine... compilate da Francesco Settimalini, nobile fiorentino e cavaliere di Santo Stefano* (ibid., 128).

¹⁸ Tra gli altri ricordiamo: Carlo BOTTA, *Storia d’Italia continuata da quella del Guicciardini sino al 1789*; Alexandre DUMAS, *Une année à Florence*; John WEBSTER, *Il diavolo bianco o la tragedia di Paulo Giordano Ursini duca di Bracciano*; Francesco Domenico GUERRAZZI, *Isabella Orsini Duchessa di Bracciano* etc.

¹³ Ivi, p. 252.

¹⁴ Rodolfo Canegrani, ambasciatore estense presso la corte medicea, fu un suo grande amico ed ammiratore tanto che tornato a Ferrara fece dipingere lo stemma della duchessa all’entrata della sua residenza.

¹⁵ E. MORI, *L’onore perduto di Isabella de’ Medici*, cit., p. 253.

di Bracciano e di Palo per il passaggio del corteo nuziale di Alessandra Sforza di Santa Fiora che andò in sposa a Giacomo Boncompagni, figlio naturale del papa Gregorio XIII.

Nel mese di marzo del 1576 Isabella che era stata male “... d’una febbre che *halla* consumata in maniera che non era riconoscibile” scriveva a Paolo Giordano: “Mai lasserò d’amarla come devo per le molte amorevolezze fattemi ultimamente nel mio male le quale mi stano fisse nella mente sempre”. Ed il marito le rispondeva in quella che fu l’ultima delle loro lettere “Io ti adoro Bella e credi che quando mi morirò, ne’ figli, ne’ Stato, ne’ amici, ne’ dame, ne’ niun’altra cosa mi si *ricorderà*, se non che io ti adoro”¹⁹. Dopo ventidue anni di matrimonio, il primo duca di Bracciano sperava di essere ricordato dai posteri non come il potente signore di un Ducato o come il padre premuroso di figli altrettanto potenti o come l’autore di imprese valorose e gesta cavalleresche e nemmeno come affascinante conquistatore di dame, ma semplicemente come uomo innamorato della sua bella moglie Isabella.

Passò alla storia, invece, come l’assassino della sua amata, un rappresentante rozzo, tracotante e violento di una stirpe arroccata nelle sue prerogative medievali, protettore di banditi e mandante di delitti. Figura molto differente da quanto si riesce a ricostruire dalla lettura delle lettere.

La versione della morte di Isabella, diffusa dai diaristi fiorentini in gran parte repubblicani e nemici giurati della famiglia de’ Medici²⁰, viene anch’essa smentita dalla fitta corrispondenza.

Conclusioni

A dispetto della leggenda nera tramandataci dalla tradizione, ci troviamo di fronte, inaspettatamente, leggendo le lettere, a parole d’amore scambiate per venti anni; rimproveri reciproci per una lontananza imposta, schermaglie, riappacificazioni, complicità e affetto che si accendono e si stemperano nel vivere quotidiano di una coppia che appare profondamente legata. Alla lettura progressiva, lo stretto spazio della novella di corte, in cui per secoli questi personaggi sono stati confinati, si apre a una realtà mutevole e minacciosa di rapporti politici, diplomatici, economici, familiari. L’aspetto più interessante e più raro di questa fonte, oltre alla quantità e

alla continuità nel tempo, è la presenza nello stesso archivio delle missive originali e autografe di entrambi i corrispondenti. Le lettere di Paolo sono più del doppio quelle di Isabella. L’inferiorità numerica di queste ultime, come si intuisce dalle lettere stesse, non è data dal fatto che Isabella non scrivesse, ma che semplicemente le sue lettere non si sono conservate. Da una nota apposta sul verso di una lettera apprendiamo che le missive di Isabella erano riposte in scatole di velluto. Quelle inviate a Paolo dovevano essere conservate nella casa di Firenze. Probabilmente il figlio, Virginio Orsini, che continuò a vivere con la sua famiglia alla corte medicea, nel momento del suo definitivo trasferimento a Roma, avvenuto intorno al 1606, abbia portato con sé i documenti familiari tra cui le lettere del padre che poi furono riunite a quelle della madre. Le turbolenti vicende di questa famiglia e del suo archivio hanno contribuito all’ulteriore dispersione e al pessimo stato di conservazione in cui si trova gran parte dei documenti. O si può ipotizzare che coloro che nel tempo si sono occupati dell’archivio Orsini, abbiano prestato maggiore cura per le lettere dei duchi che non per quelle delle loro consorti.

Le lettere di Isabella iniziano nel 1564 e il suo fraseggio è limpido e veicolato da una scrittura regolare chiara e posata. Le sue lettere rimandano un’immagine di donna complessa, di grande carattere con spiccato senso dell’ironia. Come richiedeva il suo ruolo, aiutò in ogni modo Paolo Giordano, cercando di ottenere per lui incarichi militari, consigliandolo, curando relazioni per la sua carriera, seguendo le sue numerose controversie legali, procurandogli anche il più piccolo degli oggetti di cui aveva bisogno²¹.

Sebbene la tradizione abbia lasciato di Paolo Giordano un ritratto truce e violento, i contemporanei lo dipingevano come persona colta e valoroso soldato, come effettivamente emerge dalle sue lettere. Scriveva spesso di sé “son cavaliere e son cristiano”. Dalle lettere affiora anche la progressiva perdita di credito e lo sfaldarsi delle sue altissime protezioni; ostinato nel voler conservare un’ormai impossibile autonomia politica, perderà la sua partita. E la perderà nei secoli perché la critica storica prenderà per vere le calunnie politiche di cui da vivo era stato vittima.

E la memoria dei fatti, la memoria nascosta, dispersa in molti rivoli, la memoria individuale che rischia di diventare memoria muta, memoria incapace di comunicarsi agli eredi di questa storia, alle persone e alle città, deve essere riscoperta in modo da renderla manifesta a chi verrà.

¹⁹ E. MORI, *L’onore perduto di Isabella de’ Medici*, cit., p. 271.

²⁰ V. CELLETTI, *Gli Orsini di Bracciano. Glorie, tragedie e fastosità della casa patrizia più interessante della Roma dei secoli XV, XVI e XVII*, Ed. Palombi Roma 1963, pp. 101-103.

²¹ E. MORI, *L’Archivio Orsini - La famiglia, la storia, l’inventario*, cit., p. 10.

O FEMININO NOS ARQUIVOS: abordagens e problematizações

A obra **Arquivos no Feminino: abordagens e problematizações** é o resultado das comunicações apresentadas no Colóquio *Arquivos no Feminino*, que decorreu em Ponta Delgada, ilha de São Miguel, de 16 a 18 de novembro de 2020, organizado e promovido pela Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, em parceria com o CHAM – Açores (núcleo do CHAM – Centro de Humanidades, da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores), o IEM (Instituto de Estudos Medievais – Universidade Nova de Lisboa) -, bem como com instituições culturais locais – ICPD (Instituto Cultural de Ponta Delgada) e HS (Associação Cultural Histórias Sábias).

Os artigos ora apresentados analisam e revelam o papel da Mulher, através das ausências e presenças do feminino nos mais diversos arquivos, de índole pública e privada, numa cronologia alargada que abrange os séculos XVI a XX. Por esse motivo, apresenta amplas abordagens temáticas e as análises possíveis, no intento de tocar a área cultural e artística, política e institucional, económica e social, bem como, e até, a sociológica e literária. O objetivo foi alcançado: realçar os arquivos femininos, mas igualmente o feminino nos arquivos.